

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

O correio trouxe-nos há dias uma carta volumosa desse fangueiro imenso que se chama Amândio Caramalho. Estranhá-mos a densidade volumétrica do envelope e apressámo-nos a abri-lo, desconfiando que seria colaboração agendada para o ano inteiro, já que A. C. de vez em quando nos envia uns versos ou uma «Carta ao Director» que gostosamente publicamos. Mas não. Dentro da carta estava um jornal do concelho, «O Cávado», de 10 de Maio de 1958 e ainda um anúncio das festas do Sernhor de Fão também do mesmo ano. Amândio Caramalho queixava-se

Fã(o)náticos

que recebia mal e tardiamente o nosso jornal (o caso já foi corrigido) e para nos provar como era grande a ânsia de os fangueiros em receberem o jornal da terra, ele mostrava-nos da forma mais exuberante como conservava religiosamente em seu poder qualquer jornal ou papel que a Fão dissesse respeito (tinham-lhe sido enviados pela D. Lailai). Estavam, tanto o jornal como o anúncio, muito poídos e delidos, tantas as vezes que foram consultados e sempre com todos os cuidados guardados. Dizia-nos na carta que junto enviava que havia solicitado à Geninha, esposa do Né (Pequeno), para lhe mandar «O Novo Fangueiro» de Outubro, Novembro e Dezembro, pois não os havia recebido.

Por essa altura chegou-nos às mãos uma carta de um tal Ed que aqui viveu alguns anos numa das casas do Pieira (lembram-se dele?) enviada para o António (Carteiro) onde a páginas tantas dizia o seguinte:

«Agora peço-te um favor: queria que fosses à Casa dos Bombeiros, sobe à torre e gritasses muito alto para todos ouvirem: O senhor Ed ainda se lembra de vocês todos e deseja-vos Festas Felizes (a carta era de 6 de Janeiro) e um ano cheio de felicidades».

Que dizer destas duas atitudes, rubricadas, uma por um fangueiro nato que esteve ausente da terra mãe de 1923 a 1970 e depois disso já nos visitou duas vezes, e outra por um estrangeiro que, apenas estacionando aqui poucos anos, ficou

(Continua na página 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

ANTÓNIO VEIGA

Muitas vezes certos e determinados actos necessitam, para serem absolutamente compreendidos e estimados no seu valor, de uma extensão de tempo a fim de serem integrados numa perspectiva histórica.

Outras acções, todavia, são empoeiradas e cobertas pelo movimento do próprio tempo e certos factores casuais que lhes deram vida, que as concretizaram, foram «penumbrizados», de modo a reduzirem-se aqueles acontecimentos a simples coisas acontecidas, sem custo nem finalidade.

Hoje detemo-nos ante a figura de António Veiga. Dois acontecimentos estão para sempre ligados ao nome deste fangueiro: a construção da estrada que vai dar ao mar; o transporte de água potável para o fontenário da alameda, tudo a expensas suas.

E estes dois grandes melhoramentos, se postos já numa posição de perspectiva, realçam de facto o mentor que as idealizou e lhes deu concretização; conferem-lhe os atributos de benemérito arrojado, homem de visão e com o sentido das realidades.

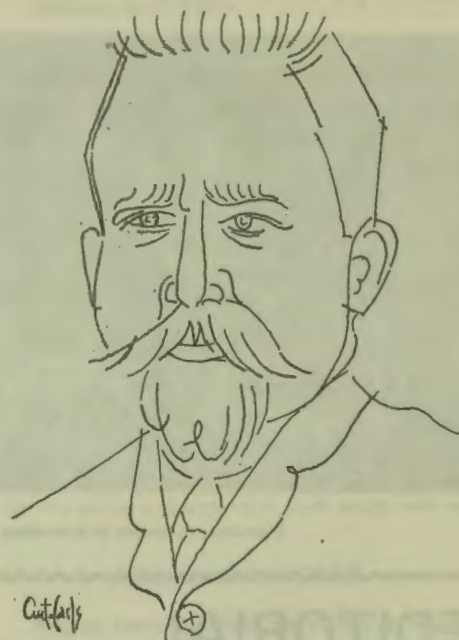
Afinal foi A. Veiga quem abriu o mar a Fão.

Para o conseguir, para rasgar

COMANDANTE CARLOS MARTINS

A Câmara, os Bombeiros e a Delegação Escolar de Esposende vão prestar pública homenagem a este ilustre esposendense no próximo dia 22 de Março.

Por deliberação da Câmara o Largo dos Bombeiros passará a ter a designação de Comandante Carlos Martins.



António Veiga (desenho de António Carlos)

aquela recta, houve que lutar, usar da sua enorme influência social a fim de demolir e vergar a resistência de uns tantos opositores, donos dos terrenos a sacrificar. O túnel que se encontra no início da estrada, junto à fábrica do «Fregueiras», é disso testemunho indelmentível.

E assim o tempo que amplia e completa o valor de uma obra esconde também os esforços ingentes e quase inexecutáveis que lhe serviram de base.

Sobre a construção do fontenário, diremos apenas que o abastecimento de águas a uma povoação é problema fundamental para a saúde e higiene dos seus habitantes.

O problema da iluminação igualmente preocupou António Veiga; com a colaboração de um conterrâneo ofereceu à sua terra os primeiros candeeiros a querosene.

A culminar esta personalidade forte, elevada e rica em amor pelo

(Continua na página 2)

ANTÓNIO VEIGA

(Continuado da página 1)

bairro, distinguimos em A. V. o culto da amizade. Privou com as mais notáveis figuras do tempo.

Tomás Ribeiro, numa viagem de significado especial feita ao Brasil, foi seu hóspede. O pintor Jorge Colaço foi um seu amigo íntimo.

Podemos nós, fangueiros, orgulharmo-nos do conterrâneo que tivemos; o seu exemplo, felizmente, perdura.

Por deliberação da câmara e por proposta da nossa Junta foi dado o nome de António Veiga à rua por ele mandada construir. Foi justo. E é com o mesmo sentimento de gratidão e sentido de justiça que o seu nome é evocado hoje, com saudade e reverência, nesta Galeria de Fangueiros Diferentes.

ARMANDO SARAIVA
De «O Fangueiro» de 4-5-1958



O primitivo fontenário do Bom Jesus. Fotografia gentilmente cedida pela D. Laila

EDITORIAL

(Continuado da página 1)

para sempre rendido aos encantos da terra?

Duas conclusões pelo menos: uma é a de que é preciso estar longe da terra-mãe para a sentir verdadeiramente em todos os seus contornos e em toda a sua profundidade. Outra, a de que há pessoas que por aqui aparecem, por simples acaso como foi o caso de Ed, integram-se no meio, apaixonam-se a sério e ficam verdadeiramente marcados pelo «bichinho», bichinho que passados anos faz dizer a um amigo: «olha sobe ao alto da torre dos Bombeiros e diz a toda a gente como eu amo Fão!»

Amor é a palavra que estas posições rescendem, amor que numa vertente mais social se chama bairrismo, bairrismo que no caso específico de Fão se traduz por fã(o)natismo.

Em boa verdade, tanto o Ed como o Carmalho são dois autênticos fã(o)náticos.

1986 — Ano da CEE

No ano de oitenta e seis
(Milagre da C.E.E.)
Os portugueses são reis
Dum trono, que seu não é.

Entraram pela porta larga
Com foguetes à mistura;
Mas já vai pesando a carga...
Inda não veio a factura!...

.....

O Zé pensa noite e dia,
Procurando soluções
Que a sua cabeça cria,
P'ra vencer inflações.

Ei-lo cheio de energia,
No futuro confiando,
E por artes de magia
O orçamento estudando.

1986/1987

FERNANDO ALMEIDA

RIOTUR

SOCIEDADE DE TURISMO DO PARQUE DO RIO, SA

Sede: Ofir - Fão - Esposende

Capital social esc. 2.000.000\$00.

(Matriculada na Conservação do Registo Predial de Esposende - N.º 55)

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convocatória

Nos termos previstos no Art.º 377.º do Código das Sociedades, convoco, os Senhores Accionistas da RIOTUR - Sociedade de Turismo do Parque do Rio, SA a reunirem, pelas 15 horas do próximo dia 28 de Março, na sede social com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHO

- 1) — Deliberar sobre o Relatório de Gestão e as contas e também sobre o Relatório e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1986;
- 2) — Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
- 3) — Proceder à apreciação geral da Administração e Fiscalização da Sociedade;
- 4) — Deliberar sobre a aplicação da Reserva de Reavaliação;
- 5) — Deliberar sobre o aumento de capital por incorporação de reservas;
- 6) — Proceder à eleição dos Corpos Sociais para o período de 1987/89.

NOTA: Nos termos do Art.º 384.º do Código das Sociedades a cada acção corresponde um voto.

Ofir, 2 de Fevereiro de 1987

O Vice-Presidente da Assembleia Geral

a) Júlio José Cardoso e Silva de Oliveira

Longa Vida



o que é bom da natureza



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

Foi arrancada à martelada a descoberta do chamado Ouro Negro em Esposende

(Mestre Agonia ainda mexe. Lá de Delães manda-nos o início da história do volfrâmio no Concelho que ele bem conhece por dentro)

Era dia de todos os Santos, quando saíram as cinco horas da manhã e já Mestre Pompérrimo andava às voltas com o arranjo de uma porta que tinha necessidade de entregar na casa Avaneza. Enquanto dava o acabamento final, voz roufenha atravessava o quintal vinda da miserável lareira:

— Pompérrimo!... Ó Pompérrimo!... Anda comer as migas. As tuas ainda têm umas migalhas, as minhas e as das criças é só a triste água com o pingue. Vens ó não vens?... Eu tenho que ir à missinha, pois hoje é dia de todos os Santos e eu quero pedir as Santinho do teu nome para te ajudar a encontrar aquilo que tu sabes...

O velho Pompérrimo pousou a porta, que estava a consertar, abeirou-se da lareira, engoliu as migas que já estavam frias e escreveu o seguinte bilhete: «Miquinhas, levás esta continha à Avaneza, recebes o dinheiro, vais à tia Júlia, trazes dois quilos de broa e, da Labrista, cinco pataniscas e um garrafinho do «maduro» que tu tanto gostas... Eu mais uma vez vou cavar por essas bouças e que o santinho do meu nome me ajude... mas é tão feio o meu nome...»

Sem perda de tempo, martelo e cinzel nos bolsos do casaco (que mais parecia mancha de farrapos tantas eram as cores que o compunham) picareta e porta de baixo do braço e aí vai o nosso homem com seu metro e noventa juntando os pés com a cabeça, com destino à casa Avaneza e às bouças...

Adquiriu novas forças quando da entrega da porta e o empregado lhe ofereceu um «traçadinho».

Lá foi pela Senhora da Saúde acima, com destino a Palmeira; mas, ao passar em frente à propriedade do Adolfo, vendo o portão aberto, o coração bateu-lhe com mais força e uma tentação irresistível o obrigou a entrar.

Na realidade conhecia bem o proprietário, mas esse facto não lhe dava o direito de esburacar a propriedade... mas como a fome é inimiga da virtude, tirou o casaco e com a camisa às tiras, iniciou o seu árduo trabalho, cavando em diversos lugares da propriedade até à exaustão. Quando as tiras da camisa e a cara mais pareciam pertencer a preto e não a branco, subiu o muro que dividia a propriedade, amaldiçoou o Santo do seu nome, limpou o suor à esfarrapada tanga e resolveu lançar mão a uma pedra que fazia parte do próprio muro. Sem forças, mas cheio de nervos, deu-lhe uma martelada em cheio. Seus olhos quase saíam das órbitas ao reparar que aquele enorme pedregulho era todo volfrâmio e do melhor... Embrulhou-o no casaco e correu espavorido para a estrada,

quase se esbarrando com um automóvel que conhecia.

— Que tens Pompérrimo? De quem é que foges?

— Deixe-me, senhor Nequinha. Volfrâmio do monte do Faro!...

— Eu compro-to. Quanto queres?

— Cinco notas, senhor Nequinha. É pegar ou largar e tem que dar a volta para me levar acasa.

Quando chegou a casa á a mulher lá estava com os arranjos.

— Homem tu deste em ladrão? Onde foste buscar esse dinheiro?

— Cinco notas, Miquinhas! Volfrâmio!... Volfrâmio!... Encontrei! Estamos em boas graças com o Santinho do meu nome... Pega nesta nota, vai ao Doninha e compra uma camisa das mais baratas para não dar nas vistas. Traz mais broa enquanto eu me lavo, como duas pataniscas e bebo dois copitos. Ainda depressa que eu tenho muito que fazer...

Cara e tronco lavado, camisa nova com o mesmo casaco às costas onde iria este homem com um copo na mão em direcção ao matadouro?...

— Adolfo, venho pedir-te um favor: tenho um filho com uma grande fraqueza e o Dr. João disse para lhe dar duas vezes por semana um copo de sangue de boi quente.

— Dá cá o copo. Por falta de sangue não deixa o teu filho de melhorar. Vem por mais quando quiseres.

— Muito obrigado e (Deus te pague!) Ainda outro favorzinho: não sabes de alguma pedreira onde eu possa ir buscar algumas pedras para fazer uma vedaçãozinha no meu quintal?

— O homem, leva a pedra que quiseres da minha propriedade, que eu vou pôr aquilo para lavradio.

— Obrigadíssimo, Adolfo.

O espertalhão do Pompérrimo vai em bom caminho para concluir o seu programa há tanto tempo idealizado. Logo que saiu do matadouro, deitou fora o sangue juntamente com o copo. Libertado daquele empecilho, dirigiu-se para a Câmara Municipal onde logo encontrou a pessoa que procurava e que estava a ocupar o lugar de Administrador.

— O que te traz por aqui?

— A riqueza, Senhor H. Costa!...

— Ninguém acredita que tragas a riqueza com um casaco desses...

— Descobri uma mina de volfrâmio, mas só para nós os dois...

E lá contou a história toda.

— Bem para registar o terreno — rema-

tou o administrador — precisamos de ter confrontações e convém que o proprietário fique dentro para não haver arrelias. Agora temos que ver bem o terreno, não te vás tu enganar. Vais a casa, traz dois martelos, dois cinzeis, um saco e vai indo para a Senhora da Saúde, que eu vou comprar um foco e vou de automóvel ao teu encontro.

Entraram na bouça e depois de partirem algumas pedras verificaram que estavam na presença de uma rica mina de volfrâmio.

No dia seguinte Pompérrimo, H. Costa e Adolfo faziam parte de uma sociedade que mais tarde foi alargada. Uma martelada fez com que milhares de contos saíssem dessa mina.

Delães, 2/3/1987

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

AUMENTE O SEU Colesterol!

Ora cá estamos, com os melhores votos de que as «tolicezinhas» feitas no Carnaval tenham dado mais um empurrão à subida do vosso colesterol... pela nossa parte, propomo-nos dar-lhe outro empurrãozinho, com estas duas receitas:

BACALHAU FEITICEIRO

Põe-se bacalhau fino de molho e depois desfia-se à mão, em pequenos pedaços muito fininhos.

Refoga-se com azeite, cebola e salsa, picadas miudinhas.

Deita-se o bacalhau, depois de refogado, num pirex (ou prato de ir ao forno), rodeia-se de puré de batata, em montinhos.

Cortam-se em pedacinhos 2 ovos cozidos e duas cenouras cozidas, e com eles se enfeita o bacalhau e o puré que o rodeia.

Cobre-se o bacalhau com molho branco, e vai ao forno a alourar.

E agora, uma coizinha doce:

TORTA DE CENOURA

Cenoura — 50 gramas.

Açúcar — 250 gramas.

Farinha — 4 colheres de sopa.

Fermento — 1 colher de sopa.

Ovos — 4.

Margarina — 1 colher de sopa.

Limão — raspa (ou sumo) de um.

Cozem-se as cenouras e passam-se pelo «passe-vite». Juntam-se as gemas e o açúcar, e a seguir a margarina e o limão. Bate-se tudo bem batido. Junta-se depois a farinha, já com o fermento misturado. Por fim, juntam-se as claras batidas em castelo.

Deita-se num tabuleiro, untado com margarina e polvilhado de farinha, e vai ao forno, a cozer.

Antes de ficar muito seco, vira-se o tabuleiro sobre um pano, polvilha-se a torta com açúcar e enrola-se.

E por hoje, é tudo. Bom apetite, e até à próxima, se Deus quiser.

TIA MARIQUINHAS

FALECIMENTOS

QUIM FERREIRA

Embora fosse já de prever, a morte do Quim, industrial de Riba D'Ave, não deixou de impressionar os seus numerosos amigos espalhados por todo o Portugal.

Quim ferreira desde muito cedo, desde os tempos de Ofir começou a conviver, começou a criar amigos em Fão e sempre e sempre que era solicitado não deixava de contribuir para as associações da terra. Só uma ocasião a pedido nosso, ofereceu 90 cobertores para o Hospital local. Há menos de um ano enviou-nos para o prémio escolar Prof. Pio Rodrigues a importância de esc. 5.000\$00 sem que para tal fosse solicitado. Fê-lo espontaneamente como fazia tantas vezes o seu generoso coração.

Vítima de doença que não perdoa faleceu com pouco mais de 50 anos, ele que zombava de quem aparecia à sua beira a comer dieta. Dotado de uma saúde de ferro parecia invulnerável. Infelizmente desapareceu do número dos vivos.

Que descanse em paz.

FERNANDO FERREIRA AREIAS

Em Braga faleceu também este nosso amigo e prezado assinante, vítima de doença incurável. Possuía casa no concelho, gostava da zona e aqui aparecia sempre que os afazeres lhe permitiam. Infelizmente partiu de vez.

— No dia 13 de Fevereiro morreu em Fão Manuel Martins Ribeiro, muito conhecido pelo Manuel da Moça.

— No dia seguinte faleceu também em Fão, na Rua Serpa Pinto António Gonçalves Ferreira, pai do nosso prezado amigo, Manuel Neves Ribeiro a quem endereçamos um sentido abraço.

— Em Esposende faleceu na última semana o Prof. Agostinho Nunes Gonçalves, que foi adjunto do Delegado Escolar de Esposende durante muitos anos.
Paz à sua alma.

A todas as famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

Notícias várias

A Câmara Municipal de Esposende atribuiu a verba de esc. 9.700.000\$00 para as obras do Priorado. Vão ser construídas duas salas anexas ao Salão Paroquial, parte nascente, e nos baixos restará um espaço amplo que a Comissão Fabriqueira poderá alugar aos Serviços Médico-Sociais se assim o entender. Já foi aberto o respectivo concurso.

★

A Assembleia Municipal na sua última reunião autorizou a Câmara a contrair um empréstimo no montante de 23.744 contos para continuação das obras do bairro social do Ramalhão.

Ainda na última reunião da A. M. o nosso conterrâneo Manuel Vieira teve uma intervenção de fundo sobre o turismo concelhio que foi bem acolhida por todos os partidos. E por falar em «todos os partidos» é bem preciso que os senhores deputados se convençam de vez que estão ali a representar os superiores interesses do concelho e nunca opções partidárias que não passam de birras pessoais.

★

Por diligências da Junta foram plantadas junto ao rio 100 hidrangeas para embelezamento local. Pois logo a seguir apareceram por ali uns energúmenos que arreventaram com quase toda a plantação.

Não há dúvida que Fão está cheio de «iróis»!

TABACO DEU À COSTA

Muitos volumes de tabaco estrangeiro deram à costa nas praias do Norte, no dia 16 P. P. desde Caminha até a Apúlia. Na falta de peixe vem tabaco, do mal o menos.

Ao que consta qualquer barco de contrabando, acossado pelas autoridades, teve que atirar a carga e vai daí muitas centenas ou milhares de maços darm à costa, alguns ainda em bom estado de uso.

Para muitos conterrâneos a safra foi jeitosa.

DOENTES

Tem passado bastante incomodada a nossa prezada assinante Aida dos Reis Costa.

Fazemos votos por um pronto restabelecimento.

— No Hospital de Fão encontra-se internado Alvarino Lopes Cardos. Desejamos as melhores.

PINHAL DE OFIR

O famoso Pinhal de Ofir continua a ser desbastado. Sem dó nem piedade. No próximo número voltaremos ao assunto.

A vasta coleção «Dicionários Editoras» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moedas somente utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram de cada vocábulo, como também centenas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA



O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais descritivo em termos de uso, o mais completo e o mais atualizado quanto à definição de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 305-306 PORTO, Centro.
Livraria ARNADO, LDA. Rua de João Maria, 9, P.º andar, 305-3067 OSMARNA, Centro.
IMP. L. FLAMENHO, LDA. Rua de S. João, 14, P.º andar, 305-3067 OSMARNA, Centro.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:
Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Sabia que ...

Antes de mais, quero apresentar-me, dado que, pela vez primeira, escrevo neste jornal. Eu, Maria Ângela Soeiro, saúdo os leitores que, eventualmente irão ler os meus artigos, e justificar «aqui e agora» a minha presença. A partida, parecerei uma intrusa, pois ainda que pertença por nascimento à zona norte trasmontana, por vivência existencial, feita esta de boas e fortes amizades, e até porque trabalhei na zona Minho, sinto-me, em boa verdade, filha também da terra Minhota. Aqui ficam as minhas homenagens pela sua hospitalidade e bem-querer.

Hoje, vou falar-vos de um tema veheísimos mas sempre actual: «A origem, história e magia do Ouro».

O Ouro não se sabe quando foi descoberto... no entanto, taças e joias de ouro datando de até 3500 A. C. foram escavadas em Ur, na Mesopotâmia (actualmente Iraque) e joias de ouro quase do mesmo período foram retiradas de túmulos egípcios. A história fala-nas de sarcófagos reais cobertos com folhas de ouro como o de Tutankhamon, o faraó egípcio.

O trabalho artístico desses objectos sugere que a técnica de trabalhar o ouro tinha sido desenvolvida centenas de anos antes desses objectos terem sido confeccionados.

Contam-se ainda muitas narrativas sobre os esforços dos alquimistas para obter ouro durante a Idade Média.

No séc. XVI, conquistadores espanhóis procuraram ouro nas terras dos aztecas, no México, e nas terras dos Incas, no Perú. Essa era a época em que piratas famosos e corsários errantes saqueavam os galeões que transportavam o produto de pilhagem dos espanhóis da América para a Espanha. Uma grande riqueza ainda está em Bogotá, no Museu do Ouro (Colômbia): máscaras de ouro, ornamentos para o nariz, pectorais e até mesmo anzóis. Os índios do Perú conservam ainda a coroa de ouro do último rei, e nas festas dos solstícios de verão e de inverno eles dançam suas danças de Sol bem no alto, nos picos nevados dos Andes, usando máscaras de ouro.

Em tempos mais recentes, o ouro tornou-se o símbolo do poder e do dinheiro. Nas regiões inóspitas do Alasca, por exemplo, os garimpeiros submeteram-se a sofrimentos inacreditáveis diante da perspectiva de encantrarem pepitas de ouro.

Na Austrália, colónia penal da Grã-Bretanha, descobriu-se ouro, vantagem económica que ajudou o país no seu caminho para se tornar um Estado independente.

Na África do Sul, imensos velos de ouro foram descobertos sob Johannesburg, não muito longe dos ricos campos de diamantes.

Assim, de início, as ricas descobertas de ouro na Califórnia, na Austrália, no Alasca e na África do Sul foram consideradas como sendo o Eldorado (segundo a

lenda, Eldorado era uma terra rica em ouro e ali o ouro era tão comum como a areia).

Por fim, é bom referir que, durante todo o séc. XVIII, sobretudo em sua primeira metade, a economia colonial brasileira esteve centrada na extracção do ouro das minas descobertas pelos bandeirantes paulistas nos sertões do actual Estado de Minas Gerais.

Podemos concluir que, o ouro com a sua bela cor amarela, e um brilho metálico suave, deve muito a suas propriedades físicas de beleza, flexibilidade, resistência a substâncias químicas. Ele é tão forte internamente, tão seguro de si, que pode ser batido até se transformar numa folha suficientemente delgada para permitir que a luz do sol brilhe através dele, dando-lhe um colorido azul-esverdeado, enquanto que visto de cima, permanece dourado.

O Ouro possui pois, ao mesmo tempo, o resplendor e o brilho esplêndido que vem do Sol. É, com efeito, um filho do Sol e da Terra.

Para finalizar, gostaria de referenciar, e a título de curiosidade, que as pessoas de Leo, de Leão, um dos signos do zodíaco estariam sintonizadas com o ouro. Delas poderíamos ver as características deste metal: a sua densidade elevada e a sua recusa em ser perturbado por influências externas, corresponderiam às características de personalidade dos leoninos: grande auto-percepção e auto-confiança. Além disso, a qualidade coesiva do ouro corresponderia ao poder das pessoas se adaptarem às necessidades do ambiente que as cercam. As pessoas de ouro (leoninas) seriam generosas, nobres, radiantes e desprezíveis.

Como pode depreender, caro leitor, se é «pessoa de ouro», está de parabéns, sim, pois o Ouro é o metal do Sol e dos Reis!...

Angela Soeiro

Bibliografia:

- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura ediminal verbo, Lisboa
- Nova Enciclopédia Larousse
- A Magia dos metais de Mellie Vydert - editorial pensamento.

Portimão, 3 de Março de 1987.

UM ABUSO DESCARADO

O nosso jornal publicou no seu número de Dezembro uma notícia onde se insurgia contra o levantamento de um edifício, ali atrás da Bonança, que entrava pelos fieiros dentro e se «pespalhava» num local que o bom senso aconselhava fosse isento de moradias.

Sensibilizada a Câmara obrigou à demolição de 4 metros da parte trazeira, medida esta que pretendeu acalmar uma

certa irritabilidade local. Agora o pretendo dono do terreno começou a construir um muro pela parte de trás que abarca muito mais que o espaço demolido, sobretudo para sul. Vão lá e vejam: As dunas estão destruídas.

Já é desaforo! Será que alguém neste país tem autoridade para vender terrenos do domínio público marítimo?

E os fangueiros, alto lá com eles!...

Tem uma grande história!!! Ainda agora dão provas de grande destemor. Se não fosse esse destemor, essa ousadia, esse espírito de aventura, que outro povo se não o fangueiro ousaria desafiar as autoridades locais, e não só, e quebrar toda a vidraria das paragens de autocarros? Se não fosse essa sanha destruidora que outro povo se não o povo de Fão ousaria desafiar as autoridades deste país e inutilizar o telefone público da Av. Dr. Manuel Pais, esquecendo que aquela instalação telefónica pode acudir a tanta gente, quer de dia quer de noite? É preciso ter saga, ter unha não ter pavor como o falecido Geraldo para realizar tais façanhas!

Pois é deste povo, que assim se cobre dos crepes da heroicidade, que o tal proprietário se está borrifando. Ao destemor responde com o destemor. À ousadia responde com ousadia. É assim mesmo! E no final vai pôr concerteza uma tabuleta à porta cantando «Homenagem à estupidez do povo desta terra!...»

PAGARAM ASSINATURAS

D. M.^a Emília Viana Espojeiro, Brasil, 1000\$00; António Gomes de Baixo, Fão, 500\$00; D. Elvira Cubelo Moraes, Fão, 500\$00; Adriano Nascimento, Fão, 500\$00; Prof. Manuel Faria Nascimento, Fão, 500\$00; Manuel de Jesus Nascimento, Fão, 500\$00; Sérgio Grilo, Fonteboa, 500\$00; D. Ismênia Sá Pereira, Fão, 500\$00; Arlindo Cardoso, Fão, 500\$00; Arq.^o Alcino Soutinho, Porto, 500\$00; D. Cecília Paixão Amorim, Lisboa, 500\$00; José Martins Correia, Espinho, 500\$00; Miguel Gomes Machado, Braga, 1000\$00; Adelino de Sousa Martins, Fão, 500\$00; Prof. António Jerónimo Dias B. Peixoto, Fão, 500\$00; Manuel Saraiva, Fão, 500\$00; Reinor Sá Pereira, França, 1000\$00; Armando Reis, Fão, 500\$00; Inspector Manuel Grilo, Fão, 500\$00; António F. Trocado, Fão, 500\$00; Evangelista Jesus da Silva, Fão, 500\$00; João Francisco Fernandes, Fão, 600\$00; Cel. António F. Rodrigues Areia, Lisboa, 1500\$00; e D. Mariana Reiedl, Alemanha, 2678\$00.

“QUIXOTES e SANCHOS da nossa praça”

«Vamos nada menos que à Barca do Lago, rio acima, e protestamos que de quanto vimos e ouvimos, pensarmos e sentirmos havemos de fazer crónica, história e reportagem».

Nota introdutória a laia de prólogo-esclarecimento:

— Iniciamos a publicação de um trabalho realizado pelos alunos da Escola Sec. de Esposende, do 11.º ano, sob a orientação do prof. Joaquim Peixoto. Não pretendemos ser polémicos mas apenas expressar a opinião e a visão que temos da realidade que nos cerca.

Sete horas da manhã de um dia calmo de Inverno. A brisa sopra levemente. Sentámo-nos no paredão. O nosso barco ainda não chegou. O rio não tem água. Só coroas de areia, aqui e ali, tapam a entrada e saída das pequenas motoras junto à barra. Nas nossas costas o forte, o farol. Que história tem este monumento? Ouçamo-la da boca do faroleiro.

Meninos, o forte foi mandado construir no reinado de D. Pedro II sendo seu patrono S. João Baptista, em 1655 e diz-se que a sua construção terminou em 1702. Foi mandado construir com o objectivo de defender as nossas costas de ataques inimigos. Entretanto,

foi desartilhado e desguarnecido, ficando abandonado até 1831. Estávamos em plena guerra civil e de novo artilhado com receio de um possível ataque dos liberais do norte. Findas as lutas liberais, o forte é, de novo, desguarnecido até que já neste século é montado, no forte, o farol com 21 metros de altura, alcançando 14 milhas. Este forte viveu um pouco da história da terra que defendeu - viveu o auge das navegações, viveu o «bota-abaixo» de grandes barcos e vive hoje a solidão, a apatia de um rio triste, porco e de grande actividade nocturna-pesca da lampreia e da «loira» — enguia branca.

A propósito da enguia branca, ouçamos a disputa de dois pescadores. Um com uma grande cana na mão, de 4 a 5 metros de comprimento não despegava os olhos do rio. A sua missão era vigiar a passagem de alguma lampreia. O outro, de costas para o rio ou com a cabeça muito levantada na direcção do norte «vigiava» os «marines». Diziam. Berravam. Deitavam fumo pela boca e algum lume pelos olhos.

— «Olha, isto cada vez está pior. Esta barra é muito perigosa. Tem muita areia. Está quase, qua-

se tapada. Só lhe resta o tal canal para meter água. E o que fazem os nossos governantes? O que interessou aquele paredão do salva-dias até aqui? Então o que fazem os nossos governantes, os deste concelho, para melhorar a barra? Então tu não vês que já lá anda um barco a Sul, a tirar areia que vende a um comboio de camiões. Oh homem! Está calado. Daqui por uns vinte anos ou lá para as calendas ele chega cá abaixo mesmo abrir o tal canal».

(Continua no próximo número)

Fangueiros no Brasil

Da leitura do n.º 31 do jornal de V. Ex.ª, fixei o subtítulo «Grande jornada de Fangueirismo», em terras do Brasil.

Há já algum tempo que eu venho contactando as pessoas no Brasil, que têm FANGUEIRO por apelido.

Uns são familiares outros não, e é nestes últimos, que perderam o conhecimento das suas raízes fangueiras ou mesmo poveiras, que eu encontrei um grande entusiasmo, em conhecer as suas raízes e se possível, um grande desejo em conhecer as terras dos seus antepassados e encontrar em si, o que herdaram da comunidade que os gerou.

Assim, tomo a liberdade de os mencionar aqui, em especial os que vivem no Rio de Janeiro: José e João Campos Fangueiro, Nêrgida de Sousa Fangueiro, Nilton Silva Fangueiro, Raúl C. C. Fangueiro, Delfim A. Fangueiro, Carlinda A. Fangueiro.

Estes vivem no Rio e fora desta cidade temos: Manuel da Silva Fangueiro, em Porto Alegre; Eliezer Fangueiro, em Curitiba.

Eu aproveito esta oportunidade, para lançar um apelo aos leitores do Brasil de «O Novo Fangueiro», para que informem o Director do Jornal, de outras pessoas que tenham o apelido constituído pelo gentílico de Fão, em qualquer outra localidade.

De posse das suas moradas, sugiro que lhes seja enviado um exemplar do Jornal, o que poderá constituir um encontro importante nas suas vidas, com as raízes portuguesas, quer solicitando a assinatura do mesmo, quer incluindo Fão na sua viagem de sonho.

Das pessoas que mencionei, fiquei impressionado com o entusiasmo de Eliezer Fangueiro, que já procurou o contacto com outros Fangueiros e por curiosidade, cito que vive na Rua Portugal, num edifício que ostenta o nome de Benedicto Fangueiro, pertencente a seu falecido pai.

Ao adquirir este postal que junto à presente, pensei em quantos fangueiros residentes no Brasil, terão na sua posse outros postais, que lhes foram enviados com antigas imagens de Fão ou do Rio Cávado.

Penso que seria interessante a sua reprodução de forma a divulgar no presente as imagens que outras gerações já não conheciam.

Enviando os meus cordiais cumprimentos, enviou os meus votos de saúde nesta época de inverno.

Oscar Fangueiro

Cartório Notarial do Concelho de Esposende

Faria & Nascimento, Limitada

Divisão, cedência de quotas e alteração do pacto social

Manuel Gomes Soares, segundo Ajudante do mesmo Cartório:

CERTIFICO, narrativamente e para efeitos de publicação, que por escritura de dois de Janeiro de 1987, lavrada de folhas 70, verso e seguintes, do livro de Escrituras Diversas número 28-B, deste Cartório, e em relação à sociedade comercial por quotas de responsabilidade Limitada, «FARIA & NASCIMENTO, LIMITADA», com sede na Rua de São José, na vila de Fão, deste concelho, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Esposende sob o número setenta e nove e com o capital social de quinhentos mil escudos, se procedeu ao seguinte:

O sócio José Maria Dias Faria é casado, natural da freguesia de Palmeira, deste concelho, e nela residente no lugar de Eira D'Ana, dividiu a «quota» de duzentos e cinquenta mil escudos, que possuía na referida sociedade, em quatro novas quotas, que cedeu:

— Uma de cem mil escudos, que cedeu a Maria Amélia Matos Faria e três de cinquenta mil escudos, que cedeu respectivamente a Manuel Francisco de Faria Nascimento, Adriano de Faria Nascimento e Ana

Maria de Faria Nascimento e em consequência da operada divisão e cessão de quotas, alteram o artigo terceiro do referido pacto social, o qual fica a ter a seguinte nova redacção:

ARTIGO TERCEIRO

O capital social integralmente realizado em dinheiro é de quinhentos mil escudos e corresponde à soma de cinco quotas, uma de duzentos e cinquenta mil escudos do sócio Manuel de Jesus Nascimento Júnior, uma de cem mil escudos, da sócia Maria Amélia Matos Faria, e três de cinquenta mil escudos, cada, pertencentes a Manuel Francisco de Faria Nascimento, Adriano de Faria Nascimento e Ana Maria de Faria Nascimento.

É certidão narrativa que fiz extrair e vai conforme ao original.

Esposende aos dois de Janeiro de mil novecentos e oitenta e sete.

O 2.º AJUDANTE

Manuel Gomes Soares

AO REDOR DA PONTE

Muitas vezes passamos por determinados lugares mas, como levamos pressa para chegar ao nosso destino, não damos conta do ambiente que nos rodeia; e assim acontece durante anos, até que um dia paramos e ficamos maravilhados com o que vimos. E então interrogamo-nos: Como foi possível, eu que tantas vezes aqui tenho passado e nunca reparei neste cenário maravilhoso?

Se isto é uma verdade que acontece com todos nós, também não é menos verdade que este fenómeno se dá no sentido oposto, isto é, quantas vezes passamos por determinados lugares sem reparar no que há de feio e triste neles.

Estas considerações vêm a propósito de eu há dias ter resolvido passear um pouco a pé por esta terra maravilhosa que me foi berço. Sem dar por isso, fui ter ao cruzamento que dá para a praia e aí me detive. Não sei que forças ocultas me conduziram àquele lugar; o certo é que ao reparar num terreno abandonado ali mesmo no gaveto com a estrada nacional, não pude evitar que se apoderasse de mim uma certa nostalgia. Ali onde predomina o silvado, existiu em tempos a Vila Palmeira, mais tarde transformada na Pensão Peixoto, na época mais importante de Fão. Hoje não passa de um depósito de lixo.

Segui um pouco pela Avenida da Praia e a cerca de cem metros estão umas ruínas, vestígios de um passado recente, que fizeram recuar o meu pensamento para os anos quarenta. Nessa altura existia ali uma Fábrica de Serração, Carpintaria e Moagem. Ali trabalhavam algumas dezenas de trabalhadores que com o fruto do seu trabalho contribuíam para o bem estar de suas famílias e ao mesmo tempo opara o engrandecimento da terra.

Em frente do outro lado da Avenida e num plano inferior está o antigo campo das Rodas, nome dado ao recinto, por ali existirem duas enormes rodas de madeira que serviam para a torção do sisal destinado ao fabrico de cordas.

Durante os dias de semana o António David, junto com alguns de seus filhos, lá trabalhava, fabricando cordas.

Ao domingo aquele recinto servia de campo de futebol, muito embora existisse ao centro um poço, com um parapeito de pedra para evitar que alguém lá caísse. Isso, à primeira vista, poderia parecer um obstáculo. Mas efectivamente não era problema para os nossos craques de então. Eles sabiam evitar o adversário fugindo com a bola por detrás do poço.

Aqui se defrontaram o Fão e Esposende, que o mesmo é dizer-se o Benfica-Sporting, cá do sítio.

A mocidade vibrava de emoção, sobretudo as moças que incitavam a sua equipa de uma maneira impetuosa e quando alguém da claqué adversária se dirigia a elas em termos incorrectos, sabiam sacar o chinelo do pé e fazer justiça à sua maneira.

Recordo-me que num desses jogos, e na

sequência de um passe de bola por alto, o Américo Gaifém, um dos bons daquele tempo, correu para a bola com os olhos fitos só nela sem se aperceber da proximidade do poço, bateu no parapeito e mergulhou de cabeça dentro. Uma exclamação saiu de todas as bocas. Momentos depois o nosso Merquinho, como lhe chamavam, saiu do poço e correu para ocupar o seu lugar no campo

sem que nada lhe tivesse acontecido. Uma enorme salva de palmas de simpatizantes e adversários ecoou nos ares.

Era assim aquele lugar, cheio de vida e de alegria que eu revejo de olhos cerrados.

Mas ao abrir os olhos o que vejo?

Um terreno morto e sem vida. Os aplausos e as emoções aqui vividas foram-se para sempre.

Agora o silêncio reina como dono e senhor.

JOSÉ RAMOS DA SILVA



Ponte metálica sobre o Cávado

O Mundo em que vivemos

PÁSSAROS BRAVIOS

É assim que lhes chama um semanário lisboeta, em notícia que vem transcrita, no número de 14 de Fevereiro último, do jornal «O Gaiato», e que diz o seguinte: — «Dormir ao relento, sobre o bafo quente do gradeamento do Metropolitano da Praça da Figueira, em Lisboa, pode não ser o ideal (...) mas para algumas crianças lisboetas que ali pernoitam, com a regularidade de pássaros bravios — é a única solução. Sem casa, sem família e sem qualquer tipo de protecção social, elas fizeram daquele passeio público o seu quarto de dormir, a sua sala de estar.»

Conta-nos ainda o referido exemplar de «O Gaiato» que um outro semanário, também de Lisboa, refere que o número de abandono de recém-nascidos tem aumentado de ano para ano. Chama-lhes esse semanário «os filhos do desamor».

O «Jornal de Notícias» de 19 de Fevereiro findo, dá-nos conhecimento da tragédia de um desses «filhos do desamor». Conta-se em poucas palavras: — Foi em Gaia, num lar muito pobre, casal com sete filhos, dois dos quais na Tutoria. O filho mais novo, de 4 meses apenas, fracturou, não se sabe como, um bracinho. Seria de esperar que os pais o transportassem de imediato ao Hospi-

tal de Gaia, para aí receber a devida assistência, mas tal não aconteceu. O bebé foi «tratado» em casa, com banhos de água de cozer folhas de eucalipto! E o «tratamento» continuou, embora o estado da criança se agravasse dia a dia. Mas nem assim se recorreu ao Hospital. O bracito partido continuou a ser banhado com a água de eucalipto. Nem queremos pensar no sofrimento da infeliz criança, agravado de cada vez que lhe tocavam no braço quebrado! Até que, por fim, o pai a levou ao Hospital; mas o que ele levou foi um corpo sem vida, um pequenino cadáver, já coberto de formigas.

Depois de tudo o que aqui fica relatado, não temos comentários a fazer. As palavras são, por vezes, insuficientes para traduzir a intensidade dos sentimentos. É o caso. Não temos palavras para expressar o que sentimos perante a tragédia destas «avezitas» caídas (ou empurradas?) do ninho.

Limitámo-nos a rematar estas linhas com o terceto final de um soneto da poetisa portuense, Marta de Mesquita da Câmara:

«É como um passarinho abandonado
Que esquece o seu destino de engeitado
E chora pelo ninho que não tem.»

Brincando ao Carnaval

O ano passado, a propósito de Carnaval, lembrámos como se divertia o povo de Orense em Espanha. Todo o mundo saía para a rua envergando ricos trajes que aludiam a factos e figuras da história e da lenda. Fizemos então um apelo para que Fão procedesse do mesmo modo. Temos muitos trajes antigos, muita imaginação e um certo espírito brincalhoteiro. Por que não fazer uma coisa parecida se até existem muitas pessoas que gostam de fazer de entrudo nesta altura?

O nosso apelo mais uma vez caiu em saco roto... mas as Professoras da Escola Primária de Fão salvaram o Carnaval fangueiro. O que fizeram elas?

Mobilizaram todas as crianças das escolas, vestiram-nas (elas ou as mães) a preceito com toda a fantasia de que o povo de Fão é fértil, vestiram-se elas (algumas, poucas) com trajes de Fão antigo, enfeitaram alguns carros e aí vem todo o mundo para a rua, a fim de tomar parte ou assistir a um autêntico corso carnavalesco.

À frente os já famosos tamborileiros, zumba, catazumba, num atroar ensurdecedor; depois as crianças cumprindo uma certa ordem: no início um carro simbolizando a entrada para a 1.ª classe; na cauda outro veículo transportando rapazes e raparigas de cartola a simbolizar o fim do curso básico. No meio muitos rapazes e raparigas envergando os trajes mais diversos, e algumas

professoras, num apelo ao «tempo volta para trás», vestidas de crianças e saltando ao arco ou deslizando com uma roda, exactamente como nos bons velhos tempos. Claro que tais folionas só podiam ter sido a «nossa» Zinha (de tal modo estava «integrada» que nos vimos gregos para a identificar) e a Armanda Gaifém. Vimos ainda muitos papás todos babados a dar uma ajuda aos seus rebentos.

O cortejo saiu das escolas do Campo de Sant'ana, entrou na R. Prof. Pio Rodrigues, flectiu para a Azevedo Coutinho, meteu-se na Av. Dr. Manoel Pais e foi ter ao Bom Jesus. Após poucos minutos de descanso, entrou na Av. Dr. Barros Lima, continuou pela Azevedo Coutinho, virou para a R. da Igreja e dirigiu-se de novo para o local de partida.

Todos ficaram contentes e todos colaboraram. Houve identificação perfeita entre o meio e a Escola. O estado do tempo até ajudou.

Foi pena, porém, que as nossas Professoras não fossem mais ousadas, isto é, que não tivessem pedido a colaboração de grupos mais adultos. E então haveria dois cortejos: um, no domingo para a pequenada; outro, na terça-feira, mais alargado, mas sempre dirigido pelas Senhoras Professoras, que elas é que sabem da poda. Se sabem!... De qualquer modo pelo trabalho bem conseguido daqui lhes enviamos um tractor cheio de parabéns.

Na terça-feira à noite Fão voltou a encher-se de entrudos. De destacar de novo o grupo dos Ku-Klu-Klan que se passeou pela vila e depois ainda de umas voltas por Esposende e o grupo dos Bombeiros que se apresentou indumentado de preto com alusões à Parabólica e a outros motivos de Fão.

No largo do Clube Fãozense juntou-se muito público para ver os entrudos passar.

Agora digam-me: com tanta gente disponível não será possível fazer-se um corso a sério?

Onde pára a secção Cultural e de ocupação dos tempos livres recentemente criada na Associação dos Bombeiros?

Fão e mais antigas lembranças

O antiquíssimo Fão viu-se substituído na sua função portuária por Esposende, que pelo século XVI era terra de muitos pescadores e estaleiros para a construção de caravelas, mas o rio continuou o movimento para norte, o grande estuário perdeu a navegabilidade e as povoações mergulharam na sua madorra de pequenas terras litorais. Para sublinhar a antiguidade de Fão dizem os entendidos que a palavra provém de fanum, que em latim quer dizer templo. Os Romanos teriam vindo a estes confins erguer um templo a qualquer hoje ignota divindade. Pode ser que sim, mas a verdade é que, se há um fanum no latim, também há phanos em grego, que deu fanal, lanterna, lume de farol. Fão tanto pode vir do fanum romano como do phanos grego, e faz muito mais sentido que aqui tivesse existido um farol a alertar contra os perigos da navegação que uma fundação religiosa. São portanto mais uns milhares de anos a depositar na conta de Fão, e se esta ideia não for deitada para o cesto dos papéis inúteis pelos inimigos das novidades (das novidades ditas pelos outros, porque as deles são ouro puro), o topónimo deve constituir um dos pouquíssimos vestígios ainda vivos da passagem dos gregos pelas praias portuguesas. De tudo isto ficaram lendas e sentimentos; a rivalidade entre Fão e Esposende reflecte a disputa milenária da primazia do rio; hoje é Esposende a sede do Concelho, mas ambas as povoações têm desenvolvimento paralelos, e a construção da ponte sobre o rio veio atenuar muito o carácter que durante séculos tiveram, de terras fronteiriças a afrontarem-se uma à outra, como combatentes entre os quais o rio era a terra de ninguém.

A Fão estão ligadas histórias mais ou menos lendárias, como a que foi aqui o bíblico porto de Ofir, em que o rei Salomão mandava os seus navios carregar ouro, e de que aqui fizeram os Romanos embarcar os soldados com que foram conquistar as terras sarracenas da Galiza. Um facto com interesse, e este já não lendário, foi registado na Corografia de Carvalho Costa: «Tem os maiores barcos de pesca de quantos se conhecem, tão veleiros e ajudados dos remos pelos muitos homens que levam que se não lembra que inimigos tomassem algum». Há algumas dezenas de anos ainda se mostravam (mas já como reliquia etnográfica) esses enormes barcos. O facto de escaparem aos inimigos (os corsários que pairavam ao longo da costa) não se devia apenas à força dos remeiros, mas a um famoso acidente que a costa aqui sofre: os Cavalos de Fão. São uma espécie de molhe natural, formado por uma linha de cachopos que correm diante da praia e fornecem um abrigo de entrada só possível para quem conheça os fundos pedra por pedra. Os barcos perseguidos metiam-se entre os rochedos e a praia e escapavam assim aos perseguidores. Era este, supõe-se, promotório Avaro dos Romanos, e está ligado à história de muitos naufrágios nestes mares. Gregos e romanos navegavam sempre perto da costa: quantos se terão perdido por ali quando navegavam para as Cassitérides? Aí está uma boa razão para que aqui instalassem uma luz que, de noite, prevenisse contra o perigo. Talvez até se possa adiantar que essa luz estaria no monte Faro, que é sobranceiro, e no qual têm sido encontrados vestígios da época clássica. Um perigo no mar, uma lanterna na noite e um espaço negro para preencher com aventura e naufrágio é a minha proposta para as origens de Fão.

PEIXARIA JOANA, LDA.

Abre brevemente, em Fão na Praça Conde de Agrolongo, a Peixaria Joana, Lda., de Américo Esteves, com os seguintes artigos: Peixe, Marisco e Legumes frescos.

Bar do Club Fãozense

Informa-se que está aberto concurso para a exploração do novo bar do Club Fãozense.

Os interessados deverão entrar em contacto com a Direcção até ao fim do mês de Março.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

Do livro «O Tempo e a Alma»
de José Hermano Saraiva e
Jorge Barros
Edição «Círculo dos Leitores»

DESPORTO



CANOAGEM

A secção de canoagem do Clube Fãozense concorreu com 4 barcos nas Regatas do V aniversário do Clube Náutico de Prado, disputadas no rio Cávado.

Na categoria da classe K 2 (infantis) saíram vencedores Belmiro Penetra/João Anunciação do Clube Fãozense.

Em terceiro lugar ficaram Agostinho Neto/Alberto, Também de Fão.

Em K2 seniores a dupla Arménio Silva/João Emílio, também de Fão ficaram em 5.º lugar.

Por equipas o Clube Fãozense obteve o 8.º lugar em 13 concorrentes.

Um bravo aos nossos representantes.

FUTEBOL

Últimos resultados: Fão, 1 - Marinhas, 1; Palmeiras, 1 - Fão, 0; Fão, 1 - Dumiense, 2.

A gente ainda continua no meio da tabela.

Perguntaram-nos porque não fazemos o relato dos jogos. Torna-se inevitável no nosso jornal e isto até porque saber «lei» um jogo de futebol tem muito que se lh diga.

Reparem que nós pensávamos que por exemplo os defesas Pedras, Carvalho e o médio Pinto eram bons jogadores e têm ocupado todavia o banco dos suplentes. De qualquer modo temos como certo que a saída de Carvalho é notória e que é muito provável perder jogos sem ele. Quanto a Pinto faz-nos lembrar o jogador Joaquim que pertencia ao F. C. do Porto há uns 30 anos atrás. Intercepta bem as jogadas, domina razoavelmente a bola, alimenta o ataque e chama a si muitos jogadores adversários que fazem falta depois na estratégia das suas equipas. Quanto a Pedras, parece-nos muito voluntarioso, lutador, talvez porque por abandonar o seu sítio. Mas que o rapaz tem garra lá isso tem.

Assim pensamos nós mas pelos vistos não é verdade. Daí uma certa abstinência de comentários. Podemos errar.

Um reparo, no entanto: os nossos jogadores deviam começar por aprender o a, b, c, do futebol que é saber chutar a bola. Quando dizemos chutar, queremos significar conta e direcção.

Passam demasiado a bola ao adversário. São as tais deixas que frequentemente se transformam em golos.

Bem e por hoje deixemos estas charlas futebolísticas e falemos da ida a Paris. Tudo em ordem. Os lugares dos acompanhantes já foram todos preenchidos. Contamos ainda que o Tóne Torres apareça lá, ido de Nantes. Disputar-se-ão três jogos. Vai ser sobretudo uma jornada de patriotismo. A caravana fangueira sairá daqui no próximo dia 15 de Abril. Quando chegarmos, contaremos o resto.

ASSEMBLEIA NO CLUBE FÃOZENSE

No último dia 13 de Fevereiro teve lugar na sede do Clube Fãozense uma assembleia extraordinária que tinha por agenda principal mandar a Direcção para a abertura e orientação das obras que se iriam iniciar naquela casa, obras que incluíam a mudança do bar para o rés-do-chão. Por causa do bar, um bar que agora se deseja decente e cómodo, estava em causa a permanência do contínuo Sampaio à frente do mesmo e foi esse caso sobretudo que fez afluir àquela casa uma multidão deveras espetante.

Havia aquales que pretendiam que o funcionário em causa ficasse com a concessão do novo bar e havia uma atitude irreductível da Direcção que desejava levar a exploração do mesmo a concurso, relegando o Sampaio para a secção de jogos com o ordenado «limpo» de esc. 30.000\$00.

Surgiram várias intervenções tudo dentro de um limite admissível e finalmente ficou assente a proposta da Direcção: O funcionário Sampaio ficaria na secção de jogos com o ordenado acima referido e o bar ia a concurso podendo o próprio Sampaio, caso queira, concorrer.

Entretanto as obras já começaram estimando-se em cerca de 1000 contos o custo das mesmas. O Clube vai contrair um empréstimo de esc. 500.000\$00 havendo já um sócio que se ofereceu como avalista.



NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Dinis de Vilarelho
Sérgio Mendanha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA

Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Nova Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL
AZAL

Sérgio Mendanha

O seu falecimento



Às primeiras horas da manhã de sábado, dia 7 de Março, faleceu no Hospital de Fão o nosso querido colaborador Sérgio Mendanha.

Sérgio Mendanha, natural de Fão, enveredou pela vida militar e já no posto de 1.º Sargento foi destacado para Moçambique onde acabou por se reformar.

Ingressa então na hotelaria vindo a ser Sub-director e depois Director do Hotel Polana, o maior estabelecimento do género em Moçambique.

Regressado ao continente em 1974, é convidado para dirigir o complexo hoteleiro Porto Atlântico, no Porto, cargo que exerceu com muito

dinamismo e eficiência até adoecer há cerca de um mês.

Foi então para Viana, para casa de um seu filho médico, fazendo frequentes apelos para ser internado no Hospital de Fão, o hospital da sua terra que ele muito estremecia.

«Oh diá! Pelo que ouvi Gosto ainda mais de Fão!»

Estes são alguns dos muitos versos que S. M. publicou em «O Novo Fangeiro». Estamos em crer, porém, que ele colaborava no nosso jornal, amava «O Novo Fangeiro», morreu a falar nele, já inconsciente, só porque

amava muito a sua terra e «O Novo Fangeiro» era a expressão desse mesmo amor.

Ele pensava viver muitos mais anos, pensava retirar-se do seu munus profissional e vir gozar um fim de vida feliz na sua terra sempre querida.

Infelizmente os fados não o permitiram. Que descanse em paz este querido amigo.

Em representação de «O Novo Fangeiro» estiveram presentes à cerimónia do enterro: Dr.ª Maria Corte Real, Fernando Marques, D. Zita Saraiva e Dr. Armando Saraiva.

RECENSÃO CRÍTICA:

«LUZ COM SOMBRAS» (poemas)

de DINIS DE VILARELHO, Gondomar, 1986



Em «Sardónicas», «Safiras» e «Ametistas» a problemática existencial do poeta continua, agora mais permanente: o eu, o isolamento, a infância, o amor não consumado nas pessoas, na vida e nas coisas é envolvente e por ele atravessa o tom melancólico do poeta romântico: a essência cristã, as referências bíblicas e moralizadoras, a introspecção, a presença evidente da janela, fronteira do exterior com o interior ou vice-versa e a presença cantante e maviosa do rouxinaol.

Em «Crisólitos», a poesia é mais densa, mais rica em vocabulário e daí, mais erudita, mais clássica. É também nesta parte, que a sedução da mulher é mais evidente. Por vezes, a sedução feminina enconde-se atrás de elementos personificados como a noite e a lua. A lareira é mais que sedução, é saudade das origens, é mágoa dos tempos que já não voltam: «Lareira sombria, lareira saudosa/Do meu pátrio lar(...)/Lareira mais cara, que o ouro de Ofir/E as perlas do mar; Eu fico a chorar...»

Estende-se por esta poesia sentimental as cores do arco-íris. A Paisagem e a Natureza têm somente papel de relevo em «Esmeraldas». Aí sim, há o apelo à Natureza, elemento único que embeleza a vida e que nós, fugazes, esquecemos. Em «Luz com sombras» acompanhamos as retratação, a vivência e a constatação do poeta. Em que o rosto é soberano da verdade que existe em nós. Daí propôr como síntese de leitura o seu pequeno poema «Rosto».

M. ARLETTE SALGADO FARIA
1. Março. 1987

Retalhos de poesia

Só a vida continua...

Era linda aquela rosa
Fresca, branca, graciosa,
Como o frescor da manhã
E a luz das madrugadas...
Mas seus dias eram breves,
E tinha as horas contadas...
Hoje, as pétalas ressequidas
Jazem no chão, já pisadas!...

Era grande aquele amor
Belo, firme e sem igual,
Mas perante o vendaval
Desfez-se ao sabor do ventol...
Veio depois a bonança...
Mas tinha morrido a esperança.
Tal como a rosa, o amor
Nunca tem ressurgimento!

Era alegre aquele dia
Tão quente, feliz, risonho
Que eu não via a nostalgia
De quem passou, só, na rua.
Findou, chuvoso, tristonho.
Tal como a rosa e o amor
Neste mundo tudo morre
Só a vida continua...

CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Ao desfolharmos «Luz com Sombras», deparamos om os nomes preciosos das oito partes que o compõem: Rubis, Sardónicas, Crisólitos, Esmeraldas, Safiras, Ametistas, Cristais e Arco-Iris e com eles, leva-nos a memória ao período barroco, onde as palavras «pesadas a oiro» tinham que ser ricas em sonoridade, em cor e em beleza.

No entanto, esse preciosismo aparente a arco-irisar as primeiras sete partes, são de facto, duma maior singeleza semântica e formal. São quadras bem ao gosto popular em rima cruzada ou então estrofes variadas de métrica pequena.

Em «Rubis» é a biografia existencial de Dinis de Vilarelho que nos é de imediato retratada e datada. A localização espaço-temporal é dos últimos e recentes anos e passa-se toda ela, no Norte do País e/ou Norte da Península.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO